

**Casas casadas: o emprego dos tijolos e a ideia de Moderno nas casas de Joaquim e  
Liliana Guedes**

**Ana Gabriela Godinho Lima**

Arquiteta e Urbanista, Professora e Pesquisadora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Rua Itacolomi, 306 Apto. 501- Cep.01239-020 São Paulo SP

Fones: (11) 992687162 / (11) 21148013 - e-mail: godinholima.ag@gmail.com

**Andraci Maria Atique**

Arquiteta e Urbanista, Mestranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana  
Mackenzie, Professora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Rio Preto

Endereço: Rua Dr. Carlos de Arnaldo Silva, 370 - Village Sta. Helena - São José do Rio Preto

Fones: (17) 81224000 / (17) 33531618- email: andraci@amaarquitectura.com.br

# Casas casadas: o emprego dos tijolos e a ideia de Moderno nas casas de Joaquim e Liliana Guedes

## Resumo

Este trabalho analisa as casas, cujo projeto inclui tijolos aparentes, projetadas por Joaquim e Liliana Guedes entre 1962 e 1965. O propósito é trazer à tona elementos do processo de projeto de "criação compartilhada" dos arquitetos e verificar aspectos de articulação entre o discurso moderno sustentado por Guedes e o uso de um material tradicional como o tijolo. O cenário desta discussão inspira-se no tema da criação arquitetônica entre casais. O texto estrutura-se em duas partes. Na primeira, ponderamos sobre a visão e interpretação de modernidade de Joaquim Guedes. Na segunda parte, estabelecemos um tripé de análise **1.) os criadores:** Joaquim e Liliana Guedes; **2.) o material:** o tijolo; **3.) o programa:** a casa. em que estudamos três casas selecionadas: Dalton Toledo (SP, 1962), Francisco Landi (SP, 1965), J. Breyton (SP, 1965). Ao final, inspirado nos tópicos desenvolvidos ao longo da comunicação o artigo propõe uma reflexão sobre o conceito de autoria nas criações compartilhadas na arquitetura. Este trabalho apresenta resultados parciais de projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo -FAPESP, e Fundo Mackenzie de Pesquisa - Mackpesquisa.

Palavras-chave: Joaquim e Liliana Guedes, Tijolos, Modernidade

## Abstract

This paper analyzes Joaquim and Liliana Guedes houses in which they employed bricks as a constructive element. These houses were designed between 1962 and 1965. The aim is to bring to the fore some elements of the "shared creation" between the then couple, and to verify some aspects of the articulation between Guedes' discourse on Modern Architecture and the employment of such a traditional material as the brick. This discussion scenario is inspired by the architectonic shared creations among couples. The text is structured in two parts: in the first one, we ponder about Joaquim Guedes' vision on modernity. In the second, we establish an analysis tripod: 1.) the creators: Joaquim and Liliana Guedes; 2) the material: bricks; 3) the program: the house, in which we study three selected houses: Dalton Toledo (SP, 1962), Francisco Landi (SP, 1965), J. Breyton (SP, 1965). In the end, inspired by the topics developed in the text, the paper proposes a reflection on the concept of authorship in architectural shared creations. This work presents partial results of a research project funded by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP e Fundo Mackenzie de Pesquisa - MACKPESQUISA.

Key Words: Joaquim e Liliana Guedes, Bricks, Modernity

# Casas casadas: o emprego dos tijolos e a ideia de Moderno nas casas de Joaquim e Lilians Guedes

## 1. Joaquim Guedes: uma visão de modernidade brasileira

Joaquim Guedes ficou conhecido como arquiteto paulista que manteve uma das práticas mais experimentais, aberta também a explorações formais em torno do concreto armado.

No clássico, e um pouco ultrapassado tratado de Bruand, *Arquitetura Contemporânea Brasileira* Guedes recebe uma descrição heróica, bastante ao gosto das narrativas arquitetônicas modernas dos anos 60. Para Bruand, dentre os arquitetos que seguiram a veia brutalista traçada aproximadamente a partir de 1955 por aquele que considera ser seu inspirador, Vilanova Artigas, o mais próximo da fonte original foi Joaquim Guedes. (4a ed., 2002, p. 306)

Entretanto, sabe-se que desde antes de concluir sua graduação, Joaquim trabalhava como sua parceira, Lilians.

## 2. Em busca de Lilians no mundo de Joaquim



Joaquim Guedes  
Fonte: Camargo, 2000



Lilians Guedes  
Fonte: Camargo, 2000

Por alguns meses procuramos, em textos, por Lilians Guedes que, se não se tornou uma celebridade no cenário da arquitetura moderna paulistana, também não é uma figura desconhecida. O primeiro texto que encontramos a mencioná-la é o livro de Mônica Junqueira sobre Joaquim Guedes, publicado pela Cosac & Naify em 2000. Ali, em uma cronologia da vida do arquiteto, Lilians aparece entre os anos de 1949, quando se conhecem na faculdade e 1974,

quando terminam o casamento. Também há um comentário de Guedes, registrado pela autora durante entrevista em 2000 em que o arquiteto reconhece que Liliana teve um papel fundamental em sua formação e trabalho. Lembra que fizeram juntos todos os projetos e trabalhos de 1954 a 1974, com exceção dos jardins, que foram obra exclusivamente dela. Entretanto, para Guedes, a extrema discrição e elegância de Liliana a manteve dentro do escritório, nunca tendo permitido que seu nome aparecesse na frente do nome do marido.

A essa leitura sucederam-se algumas prospecções na internet. Diferente de Joaquim Guedes, para cujo nome o *google* retorna, em 05 de Fevereiro de 2013, dezenas de resultados, o nome de Liliana Guedes não aparece autônomo nesse universo. Para encontrá-la nas primeiras páginas desse gigantesco mecanismo buscador é necessário digitar "Liliana Guedes AND Joaquim Guedes". Aí sim, a encontramos, sempre em relação a Joaquim. Nos artigos e verbetes disponíveis on-line, encontramos mais ou menos aquilo que o livro de Junqueira compilara. Liliana Marsicano e Joaquim Guedes conheceram-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, formando-se em 1954. A partir de 1955, estabeleceram escritório em sociedade, à Rua Itapetininga, em São Paulo. Participam da fundação da Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS), com o padre dominicano Louis-Joseph Lebret. Em 1956 o casal se associou a Carlos Milan, que conheceram no SAGMACS, e Domingos de Azevedo. Fundam, Liliana, Joaquim, Carlos e Domingos de Azevedo o escritório Serviços Técnicos de Assistência aos Municípios (Stam), ambiente em que participaram, em 1957, do concurso para o Plano Piloto de Brasília. O projeto obteve menção honrosa. É da família de Liliana a Indústria Marsicano, de condutores elétricos, que Guedes assumiria na década de 1970, presidindo-a até 1985. Separaram-se em 1974, quando desmancharam também a sociedade.

Prosseguindo nesta busca por Liliana, na penumbra ou nas sombras dos artigos sobre Joaquim Guedes, encontramos menções a ela nas legendas, ou entre parênteses. Nas descrições sobre os prêmios que Guedes recebeu por suas casas: Prêmio "Rino Levi" concedida pelo IAB em 1968, pela residência Waldo Perseu Pereira, e o prêmio da VIII Bienal de São Paulo, em 1965 pela casa Cunha Lima, o nome dela, às vezes, aparece entre parênteses "(com Liliana Guedes)". Às vezes não. Bruand, cuja obra original foi publicada em 1973<sup>1</sup>, não coloca. Marlene Acayaba, em seu "Residências em São Paulo 1947-1975"<sup>2</sup>, editado originalmente em 1986, também não. Já Monica Junqueira de Camargo, em seu livro sobre Guedes publicado em 2000, coloca Liliana não apenas entre colchetes, nas descrições das obras, como também inclui o depoimento de Guedes sobre o papel da arquiteta em seu trabalho. Sensibilidade da autora, mas também sinal dos tempos.

---

<sup>1</sup> Yves Bruand. L'architecture contemporaine ao Brésil. Service de Reproduction des Thèses Université de Lille III, 1973.

<sup>2</sup> Marlene Acayaba. Residências em São Paulo 1947-1975. São Paulo: Projeto, 1986.

Na época em que Liliana Guedes trabalhou associada a Joaquim Guedes, e como resultado de práticas culturais predominantes até a primeira metade do século XX e início de sua segunda metade, o nome e a contribuição de arquitetas e arquitetos associados em escritórios de arquitetura era frequentemente omitido ou deixados em segundo plano, no Brasil e no exterior. Como parte de um complexo sistema de mudança de mentalidades, de que não trataremos aqui, arquitetas e arquitetos adjuntos, parcerias e outras formas de contribuição passaram a obter maior reconhecimento principalmente a partir dos anos 90. Cabe notar que, as revisões da historiografia arquitetônica, pelo menos desde a década de 60, vêm buscando identificar e reconhecer a contribuição de seus atores que, pelas lentes de abordagens históricas mais tradicionais, acabaram passando despercebidos.

### **3. Os tijolos das casas casadas de Joaquim e Liliana**

Utilizando um artifício emprestado da filosofia, se a técnica é um meio pelo qual o indivíduo relaciona-se com o mundo, podemos até certo ponto conhecer, através dos objetos que ficaram, algo de quem os criou. Inspiradas pelo texto de chamada para o IV Docomomo Sul, que busca recordar a importância técnica, formal e simbólica do tijolo, produziremos aqui algumas reflexões sobre a presença do tijolo nas casas de Joaquim e Liliana Guedes.

Como Nuttgens pondera (1997, p.1), ao longo de toda a história da arquitetura, até o século XX - no qual revolucionaram-se muitas técnicas de construção - e nos parece que talvez isso continue válido no século XXI, houve apenas dois modos de construir: empilhar blocos ou fazer uma tela, ou esqueleto, e cobri-la com algum tipo de membrana. Como o autor observa, quase em todo lugar do mundo as pessoas construíram com arranjo de blocos construtivos, feitos de lama, argila ou pedra. Elas os empilharam, inventaram jeitos de virar as esquinas, deixar orifícios nas paredes para que pudessem entrar e sair dos edifícios, ou deixar a luz entrar e a fumaça sair.

O "velho" Bruand menciona o uso do tijolo em seu capítulo *À Margem do Racionalismo: A corrente orgânica e o brutalismo paulista* enumerando o que considera quatro elementos principais daquela arquitetura que denomina pertencente à corrente orgânica. São estas 1.) A modéstia aparente; 2.) Preferência por materiais tradicionais; 3.) Rejeição do tipo standard e da estrutura modulada e 4.) Primazia absoluta do interior sobre o exterior. É no item 2 que descreve:

*2) Preferência por materiais tradicionais, sempre que suscetíveis de adaptar-se ao programa focalizado. Enquanto os arquitetos racionalistas, e especialmente os mestres alemães e franceses, entusiasmados com a aparição de novos elementos de construção, optavam decididamente por estes e elaboravam uma arquitetura de concreto e vidro ou do aço e vidro, os defensores da veia orgânica limitavam o*

*emprego de processos cem por cento modernos. Embora não hesitassem em lançar mão deles, especialmente quando sua superioridade era evidente, recusavam atribuir-lhes qualquer exclusividade; nesse caso, faziam uma síntese, onde frequentemente a tônica recaía nos materiais tradicionais. Por outro lado, estes materiais eram frequentemente utilizados sozinhos, particularmente nas casas ou edifícios de pequenas dimensões. Essa escolha coerente decorria da atitude anterior: a integração no contexto por meio da simbiose com a natureza era facilitada pelo emprego de matérias-primas diretamente emprestadas da natureza como a pedra e principalmente a madeira, ou resultante de transformações primárias conhecidas desde a Antiguidade, como o tijolo e a telha, cuja cor se harmonizava facilmente com as tonalidades do solo e da vegetação por causa do caráter ainda muito natural desses produtos artificiais. Assiste-se, portanto, a uma revalorização consciente de técnicas antigas, em oposição à primazia absoluta dos materiais recentes eleitos pela escola racionalista. (p.270)*

Em uma abordagem contemporânea da arquitetura brutalista, Ruth Verde Zein (2010) situa a produção paulista em uma rede internacional de "conexões brutalistas", trazendo à tona a existência de um fenômeno mundial vigente de forma predominante na década de 1950.

*Quanto ao sistema construtivo, a autora pondera sobre o emprego quase exclusivo de estruturas de concreto armado, algumas vezes protendido, utilizando lajes nervuradas uni ou bidirecionais, pórticos rígidos ou articulados, pilares com desenho trabalhado analogamente às forças estáticas suportadas, opção por vãos livres e balanços amplos; emprego constante de fechamentos em concreto armado fundidos in loco, eventualmente aproveitados em paredes e divisórias internas; as estruturas em concreto são quase sempre realizadas in loco, embora frequentemente o projeto preveja a possibilidade de sua pré-fabricação; emprego menos frequente, mas bastante habitual, de fechamentos em alvenaria de tijolos e/ou de blocos de concreto deixados aparentes; (...) (p. 79)*

O emprego do tijolo nas casas aqui analisadas parece bastante tributário do estudo criterioso da obra de Le Corbusier. O caráter de experimento rigoroso de materiais e técnicas construtivas, empregando e valorizando as características do material de forma plástica e inventiva. E nisso o trabalho de Alvar Aalto comparece como referência constante e inequívoca. Como Mônica Junqueira de Camargo lembra, a arquitetura com *cor e textura, introduzindo uma nova consciência espacial, foi para Guedes uma revelação decisiva na sua formação. Abandonou desde então o discurso do homem abstrato, da arquitetura reformadora, a favor da arquitetura de Alvar Aalto, para quem, o homem é trabalhado no plano real, na vida cotidiana, produzindo uma*

*arquitetura para habitar e não para revolucionar, procurando criar condições de vida em vez de impor um padrão para a vida. (Camargo, 2008)*

Um discurso que tem algo de feminino, talvez? Em sua atenção na vida real e cotidiana? Possivelmente. Referência para Guedes, Alvar Aalto contou, ao longo de sua trajetória profissional, com a colaboração efetiva de suas duas esposas. Aino Marsio e Elissa, sucessivamente. A autora Monica Junqueira de Camargo atentou para esse aspecto falando da arquitetura do habitar. E Liliana, esteve envolvida nas três casas que usam tijolos que mencionamos abaixo, em uma sessão do texto à qual demos o seguinte título sugestivo.

#### **4. A casa, objeto singular feminino**



Casa Dalton Toledo,  
Piracicaba SP, 1962  
(Fonte: Graça, 2007)



Casa J. Breyton,  
São Paulo SP, 1965  
(Fonte: Graça, 2007)



Casa Francisco Landi,  
São Paulo SP, 1965  
(Fonte: Graça, 2007)

Os projetos de residências assumiram seu papel fundamental na formação de um repertório formal na arquitetura paulista, estruturada por um pensamento político-social que impactou no desenho arquitetônico. As casas construídas pelo escritório de Joaquim e Liliana ganharam grande destaque, e expressam um modo de projetar muito ligado à expressão da técnica construtiva e dos materiais, associado a uma leitura particular, talvez erudita, da arquitetura popular. Desta forma pertencem a um conjunto de noções cultivadas no âmbito da arquitetura moderna paulista que via o povo como cliente em potencial, e os modos populares de viver, uma fonte de conhecimento a ser interpretada pela arquitetura. Não obstante, como observaria Bruand, Guedes esforçou-se por conciliar as exigências naturais da classe abastada, que o procurava, com uma certa austeridade funcional e plástica dos meios utilizados. (2002, p. 306)

As casas analisadas parecem combinar a vertente brutalista paulista com uma abordagem orgânica, que aos poucos ganha mais expressão no trabalho de Joaquim e Liliana Guedes, bastante tributário das realizações aaltianas.

*“Os inúmeros projetos residenciais proporcionaram a Guedes vasto campo experimental para a aplicação de diferentes técnicas construtivas e materiais. Segundo Guedes, a admiração pelas obras de Rino Levi e Cerqueira César, e a sociedade com Carlos Milan, desenvolveram seu gosto pelo detalhe, sendo o tijolo, o concreto e o vidro, os materiais recorrentes nas suas pesquisas. O número significativo de desenhos e detalhes desenvolvidos para cada projeto demonstram sua preocupação com a técnica, como no projeto da residência Cunha Lima, em que foram produzidas 180 pranchas para sua representação.” Graça (2007 p. 05)*

Neste contexto, a arquitetura de Joaquim e Liliana Guedes até certo ponto insere-se no cenário da arquitetura paulista, ao buscar soluções particulares para cada projeto, desenvolvendo um repertório formal próprio e inventivo, que podem ser verificados nas obras aqui mencionadas.

#### **4.1. Residência Dalton Toledo, Piracicaba, SP 1962**

Carlos Eduardo Comas (2006), arquiteto e professor da FAU/UFRGS, recapitula a tradição moderna na evolução da casa unifamiliar. Para ele, a "obsessiva" busca pela simplicidade, seja construtiva ou formal, foi uma das metas mais perseguidas pelos arquitetos modernos, a opção pelo concreto aparente e pela exploração da rusticidade dos materiais construtivos, caracterizou a arquitetura moderna produzida pelos paulistas, configurando assim a escola brutalista, que prega "a renúncia e o desconforto" em São Paulo entre 1960 e 1975, tratando de recuperar a "mística heróica" da arquitetura moderna em seu nascedouro. Desprezando uma vez mais a casa unifamiliar como burguesa, o autor encontra um hiper balanço na casa de Liliana Guedes. As abóbadas "à la Jaoul" ressurgem na casa Dalton Toledo de Joaquim Guedes. Nesta casa, segundo Mônica Junqueira (2000 p. 64), Guedes experimentou pela primeira vez a cobertura em abóbada catalã feita sem concreto, apenas com tijolo.

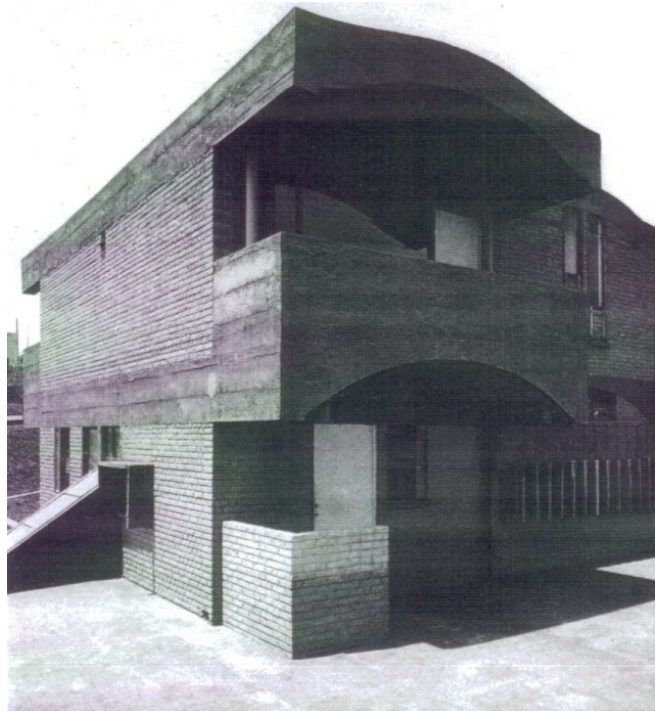
Assim, na residência Dalton Toledo, os Guedes combina a vertente brutalista de São Paulo com uma influência organicista, utilizando vigas de concreto aparente, alvenaria de tijolo e abóbadas de tijolo furado, montadas sobre apoios curvos de madeira. As primeiras experiências com abóbadas datam de 1958, com o uso do concreto como elemento estrutural, evoluindo para composições mais complexas. Segundo Pablo Lühers Graça (2007 p. 60), o tijolo não é a única novidade na estrutura da cobertura, os Guedes também inovaram na composição das abóbadas rompendo um esquema geométrico tradicionalmente rígido, apresentando desencontros em planta e altura.



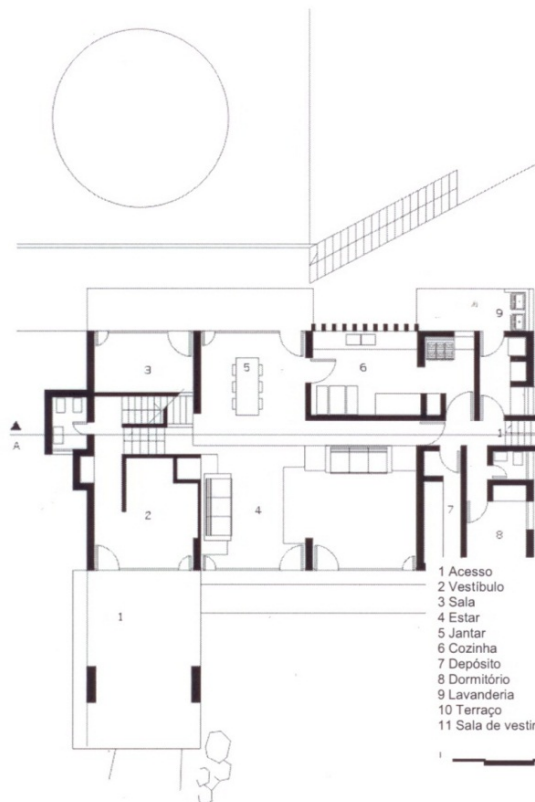
Numa releitura total do sistema construtivo e compositivo, na Residência Dalton Toledo, Liliana e Joaquim demonstram uma preocupação tanto no peso da composição e rudeza das superfícies como no partido mais compacto e compartimentado.



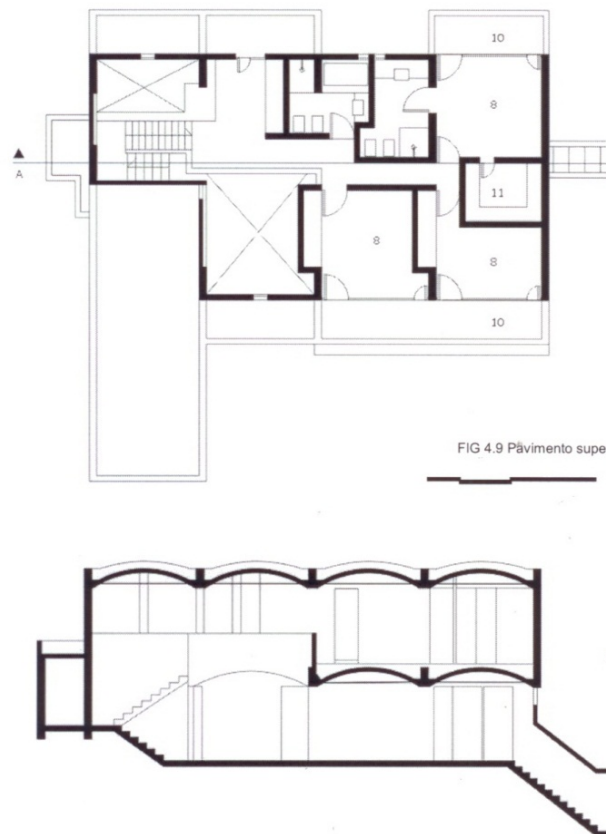
Vista frontal da casa  
(fonte: Mônica Junqueira, 2000 p. 65)



Detalhe das abóbodas  
(fonte: Mônica Junqueira, 2000 p. 64)



Planta pavimento térreo  
(fonte: Pablo Lühers Graça, 2007 p. 65)



Planta pavimento superior e Corte longitudinal  
(fonte: Pablo Lühers Graça, 2007 p. 66)

#### 4.2. Residência Francisco Landi, São Paulo 1965

A residência de Francisco Landi, na capital paulista, que obteve o 1º Prêmio Governador do Estado no XVII Salão Paulista de Arte Moderna, em 1968. Foi criada, segundo Mônica Junqueira (2000 p. 68), a partir de pórticos de concreto armado aparente, de alturas variadas, que sustentam a cobertura. Para permitir detalhes coerentes entre cobertura, alvenaria e estrutura, toda a obra foi modulada em função da onda da telha de fibrocimento.

Pablo Lühers Graça, em seu mestrado (2007 p. 82), comenta que a cobertura, em uma água, foi construída com telha de fibrocimento com inclinação única, sendo as duas dimensões determinantes na modulação de toda a casa, obtendo um aproveitamento absoluto do material. E o tijolo é utilizado nas alvenarias sem revestimento, contrastando com o concreto aparente e o vidro.

Gilberto Belezza (2008) expõe em seu texto sobre a carreira do arquiteto Joaquim Guedes, que a casa Francisco Landi, denota uma nova visão dentro da produção arquitetônica paulista e brasileira, e evidencia mais uma vez a preocupação com o sistema construtivo e a racionalidade da obra. As referências arquitetônicas nesta obra não tornam possível, como pondera Pablo

Lüfers Graça (2007 p. 02), a determinação explícita de fases através de soluções recorrentes. As referências a Corbusier e Aalto, marcantes mesmo que de formas distintas, marcaram a construção de um pensamento arquitetônico que se expressa na trajetória de Joaquim.



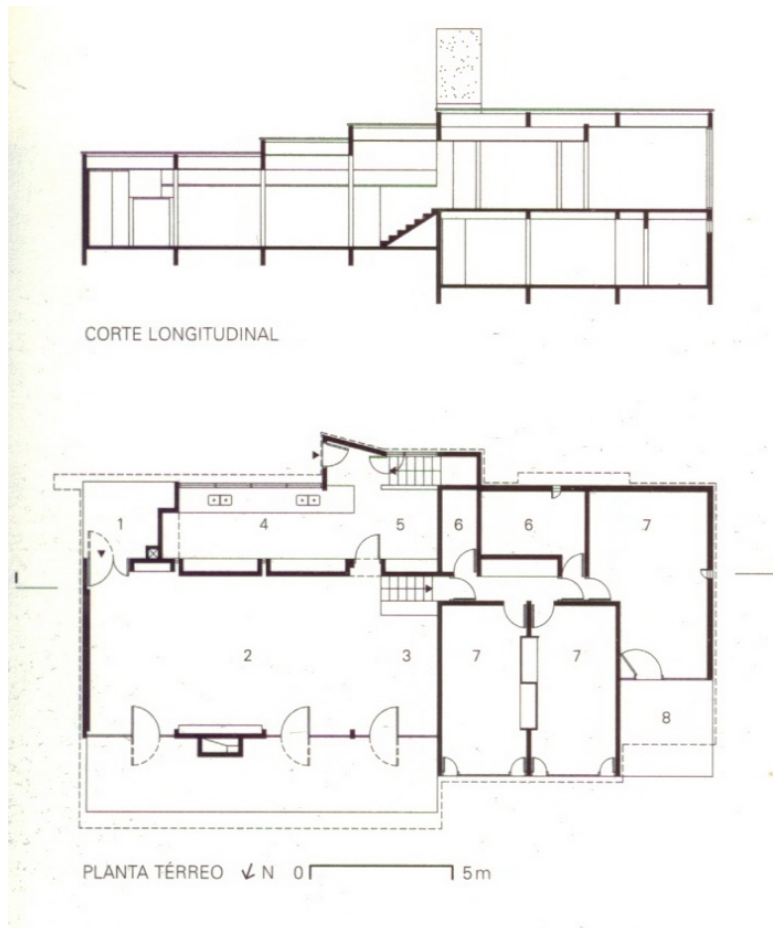
Vista do terraço  
(fonte: Mônica Junqueira, 2000 p. 70)



Entrada da residência  
(fonte: Mônica Junqueira, 2000 p. 70)



Vista Geral a partir da rua  
(fonte: Mônica Junqueira, 2000 p. 71)



Corte longitudinal e Planta térreo  
(Mônica Junqueira, 2000 p. 71)

- 1 entrada
- 2 estar
- 3 jantar
- 4 cozinha
- 5 despensa
- 6 banheiro
- 7 dormitório
- 8 terraço
- 9 garagem
- 10 lavanderia



PLANTA PAVIMENTO INFERIOR

Planta pavimento inferior  
(Mônica Junqueira, 2000 p. 71)

### 4.3. Residência J. Breyton, São Paulo 1965

A residência J. Breyton possui um programa reduzido, o que possibilitou aos Guedes, criar uma composição, em planta, bastante simples. A volumetria, composta de dois blocos bem marcados, organiza, de um lado os quatro dormitórios, abertos para sudoeste, escalonados com três banheiros para atendê-los. Do outro lado, o setor de serviços, com cozinha, área de serviço,

despensa e dependências de empregados, distribuído longitudinalmente nos fundos de uma grande sala, na fachada noroeste.

Ao eliminar os batentes e fixar os vidros diretamente nos elementos construtivos, o casal acabou definindo espaços e possibilitando um desenho mais livre. Graça assim a descrever:

*“A casa J. Breyton assenta-se sobre terreno com 17m de desnível, e desenvolve-se em um pavimento, tendo como referência paisagens a leste e norte. As marcantes estruturas independentes da cobertura, em concreto armado, correspondem às funções internas, com a divisão das áreas de dormir e de viver. A grande laje inclinada cobre a sala de estar e setor de serviços enquanto o volume escalonado, mais baixo, marca os dormitórios. Nesta casa Guedes atinge o ponto máximo de radicalização na relação concreto/vidro. A caixilharia é abolida e o vidro é encaixado diretamente em ranhuras marcadas na laje de concreto e no piso de ardósia. O detalhe e a técnica flexibilizam a composição, a membrana de vidro da sala é articulada, ganha vida. Os poucos materiais empregados, tijolo, concreto, vidro e ardósia, contrastam com uma composição complexa e elegante.” Graça (2007 p. 96)*



Vista face norte  
(fonte: Mônica Junqueira, 2000 p. 73)

Vista da sala: detalhe dos caixilhos  
(fonte: Mônica Junqueira, 2000 p. 73)

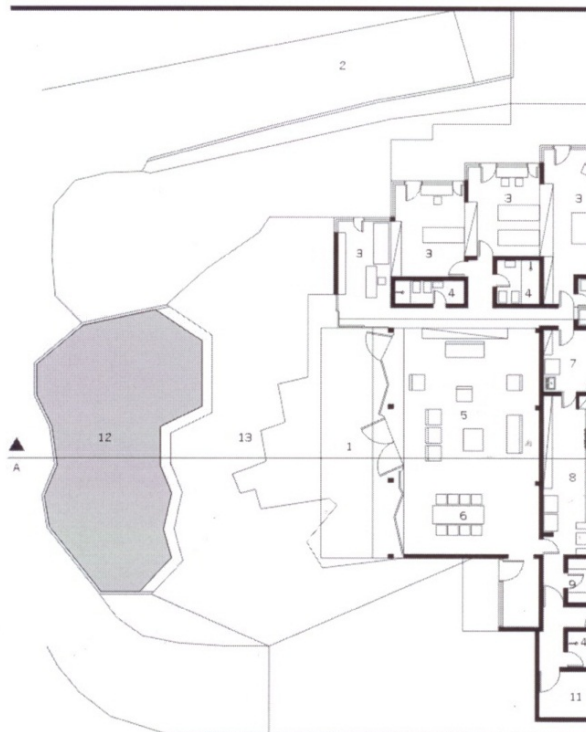
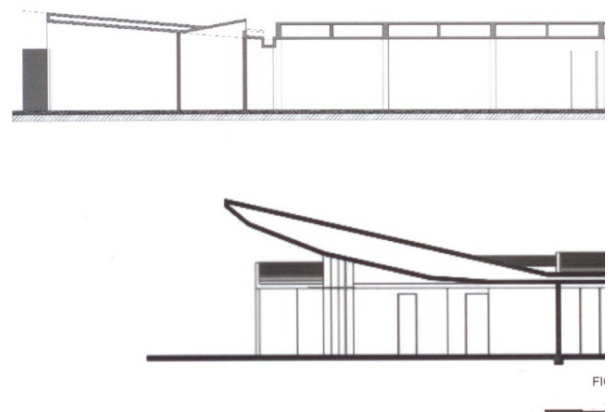


FIG 7.7 Planta Pavimento Térreo

Planta

(fonte: Pablo Lühers Graça, 2007 p. 97)



Corte longitudinal e Corte transversal

(fonte: Pablo Lühers Graça, 2007 p. 98)

## 5. Criações compartilhadas: arquitetura entre casais

As casas casadas, cuja autoria é tradicionalmente atribuída a Joaquim Guedes, poderiam nos oferecer ainda outros insights quando vistas sob a ótica da criação compartilhada.

Em um post de 2009 em seu blog, Alexandra Lange profetizava que a próxima mulher depois de Zaha Hadid a ganhar o Pritzker Prize possuiria escritório com seu marido. Para ela, muito provavelmente seriam Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa. De fato, em 2010 seria a dupla a laureada com o Nobel da Arquitetura. Ela comenta ainda em seu texto: "afortunadamente, o juri do Pritzker reescreveu as regras na última década. Quando Robert Venturi ganhou em 1991, Denise Scott-Brown, sua parceira de longa data e esposa, foi deixada de fora, mas Herzog & de Meuron ganharam juntos em 2001."

As criações arquitetônicas compartilhadas entre casais foram uma prática mais comum do que se imagina no século XX. Para citar apenas alguns exemplos, podemos lembrar da parceria Mies van der Rohe e Lilly Reich, em trabalhos como a exposição Weissenhofsiedlung (1927), mas também no Pavilhão de Barcelona (1929). Alvar Aalto e suas duas mulheres: a primeira, Aino Marsio que o venceria em um concurso de design com seus famosos *Aalto Glasses*; a segunda, Elissa Aalto, que gerenciou o escritório de Aalto após sua morte e concluiu projetos importantes como a Essen Opera House. Um casal norte-americano particularmente produtivo e reconhecido foram os Eames, Ray e Charles. Colaboradores profissionais a vida inteira, estabeleceram uma dinâmica própria e difícil de se reproduzir. O casal participou da iniciativa de John Entenza no projeto e construção das Case Study Houses. A casa projetada por Charles e Ray possuía estrutura metálica com painéis internos de fechamento em dois pisos, com áreas de trabalho e descanso separadas. É interessante notar que Charles trabalhou em dupla com sua mulher, na Casa Eames, e também com Eero Saarinen, na Casa Entenza, o que permite fazer uma comparação entre a arquitetura produzida nos dois casos. Como Pat Kirkham observa: *uma comparação entre as versões da Casa Eames e a Casa Entenza não deixa dúvidas de que, embora seja grandioso o talento de Eero Saarinen como arquiteto e designer, Charles e Ray mostraram-se uma dupla mais criativa.* (Kirkham, In: LIMA, 1999, p. 93).

O fato é que é necessário observar que o entrosamento de um casal provavelmente ocorre mais facilmente do que o de dois arquitetos que se encontram para realizar um trabalho específico. O que parece preocupar uma grande parte dos autores que escrevem sobre arquitetura são as formas de avaliar, quantificar, aquilatar, em uma parceria ou equipe, qual o papel específico que cada membro desempenha. Aparentemente, entretanto, quão melhor ou pior projetista um arquiteto é em relação à sua esposa, ou uma arquiteta em relação ao seu marido, parece não ser um elemento facilmente identificável. Como não é a porcentagem precisa de participação de cada um em um projeto.

Denise Scott Brown, em um modesto balanço de sua parceria com Robert Venturi, lembrará:

*... eu reclamei com o editor que se referiu aos patos de Venturi, informando que eu havia inventado "o pato". (...) mas minha reclamação deixa os críticos bravos, e alguns deles formaram opiniões hostis e duradouras contra nós nesse assunto. Arquitetos não suportam críticas hostis. E, de qualquer forma, eu comecei a não gostar da minha persona hostil.*

*Isso foi quando emergiram a dúvida de mim mesma e a confusão. 'Meu marido é um projetista melhor que eu. E eu sou uma pensadora bem medíocre.' A primeira afirmação é verdade, a segunda, provavelmente não. Eu tento contrapor-me a ela*

*com mais questões: 'Como pode ser, então, que trabalhemos tão bem juntos, complementando as ideias um do outro? Se minhas ideias não são boas, porque são citadas pelos críticos (ainda que sejam atribuídas a Bob)?'. (Brown, 2000, p. 260)*

As parcerias entre casais de arquitetos mais recentemente vêm sendo objeto de estudo sob vários tipos de abordagem. O que provavelmente passaremos a perceber é que, singular, não são as personalidades únicas e geniais, protagonistas onipotentes de criações excepcionais. Singulares são as relações que se constroem entre casais, associados, equipes. Muitas vezes alcançando resultados brilhantes, provindos de uma profunda sinergia, essas relações pessoais carregam mais significados e potenciais do que poderíamos quantificar objetivamente. As casas casadas de tijolos de Joaquim e Liliana Guedes são uma evidência disso.

## Referências Bibliográficas

Acayaba, Marlene Milan. "Residências em São Paulo: 1947-1975". São Paulo: Romano Guerra, 2011. 452 p. (Coleção RG Facsimile)

\_\_\_\_\_. "A Casa Como Arquetipo". <http://marleneacayaba.blogspot.com.br/2011/10/o-arquetipo-casa.html> (acessado em 02/2013).

Amaral Junior, Carlos Costa. "O Desenho da Arquitetura e o Caráter da Cidade: dez casas de Joaquim Guedes". São Paulo, 2003.

Belleza, Gilberto S. D. de O. "Metodologia na apresentação de projetos de cinco arquitetos". Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1997.

Brown, Denise S. "Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture". In: RENDELL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain. Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction. London and New York: Routledge, 2000.

Bruand, Yves. "Arquitetura Contemporânea no Brasil". São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. "Joaquim Guedes, arquiteto". Especial PINI 60 anos. (<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/174/especial-joaquim-guedesarquiteto-101180-1.asp> - acessado em 06 de Fevereiro de 2013)

Camargo, Mônica Junqueira. "Joaquim Guedes". São Paulo: Cosac e Naify, 2000.

\_\_\_\_\_. "Guedes: razão e paixão na arquitetura". Vitruvius: Arqutextos (disponível em: <http://www.vitruvius.es/revistas/read/arqutextos/09.099/116> - acesso em 02/2013)

Corrêa, Mariza. "A Natureza imaginária do Gênero na História da Antropologia". Cadernos Pagu (5) 1995: pp. 109-130.



Graça, Pablo Lühers. "As Casas de Joaquim Guedes: 1957-1978". Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007

Gouveia, Anna Paula. "O croqui do arquiteto e o ensino do desenho". Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1997.

Guatelli, Igor. "A desconstrução em arquitetura 1960 ou 1990?" Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998.

Guerra, Abílio; Ribeiro, Alessandro José Castroviejo. "Casas brasileiras do século XX", (Julho de 2006). Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.074/335>.  
<http://www.itaucultural.org.br> (acesso em 07/02/2012)

Lange, Alexandra. "Love & Architecture".  
<http://observatory.designobserver.com/entry.html?entry=11517>, acessado em 14/02/2013

Lima, Ana Gabriela Godinho. "Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX". Dissertação de Mestrado apresentada à FAUUSP, 1999.

Paiva, Fred Melo. "O vizinho do 11o andar". <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,o-vizinho-do-11-andar,216462,0.htm> (agosto 02, 2008).

Wikipédia. "Aino Aalto". [http://pt.wikipedia.org/wiki/Aino\\_Aalto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aino_Aalto) (acessado em 02/2013).

Wikipédia. "Elissa Aalto". [http://en.wikipedia.org/wiki/Elissa\\_Aalto](http://en.wikipedia.org/wiki/Elissa_Aalto) (acessado em 02/2013).

Zein, Ruth Verde. [www.arquiteturabrutalista.com.br](http://www.arquiteturabrutalista.com.br) (acessado em 02/2013).